

A Outra Irmã

SPIN-OFF DE UMA LADY PARA ME DAR UM CORAÇÃO

AMORES EM KENT

LIVRO 4.5

TATIANA MARETO

A Outra Irmã @ 2020. Todos os direitos reservados. Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais).

É proibida a reprodução gratuita ou a comercialização desta obra sem autorização expressa da autora.

É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem a indicação dos créditos autorais.

Essa uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Plágio e crime. Crie, não copie.

Capa: Tatiana Mareto

Edição e diagramação: Tatiana Mareto

Para saber mais sobre a autora, visite

<https://tatianamaretoescritora.com>

Classificação indicativa

Eu, autora, adoto por analogia a classificação indicativa de obras audiovisuais do Ministério da Justiça do Brasil (ClassInd) para meus livros.

A Outra Irmã é um livro NR18, ou seja, não recomendado para menores de 18 anos por conter sexo e nudez.



Nota inicial

Esse conto é um spin-off do livro Uma Lady para me dar um Coração, o livro 4 da série Amores em Kent, e conta a história de amor de Eleanor Trimmes e Thomas Caldwell.

Caso você não tenha lido a série Amores em Kent, a história pode conter spoilers dos livros anteriores.

Nos Braços do Marquês contém cenas com descrição gráfica de relações sexuais consensuais e linguagem vulgar. **Não é recomendado para menores de 18 anos.**

Capítulo Um

O *Palace of the Sea* era um dos maiores hotéis de todo o litoral da Grã-Bretanha. Thomas Caldwell duvidava que existisse um mais glamoroso e que recebesse famílias tão ricas quanto aquele. A construção do titã de madeira e concreto trouxe notoriedade e muitos turistas para a vila de Thanet, o que possibilitou que muitas famílias pudessem se manter por ali mesmo com o perecimento da atividade agrícola. Naquele período de virada do século, toda a economia britânica girava em torno da indústria e do comércio, deixando pouco espaço para o cultivo de grãos e a criação de animais. Muitos jovens migraram para trabalhar nas fábricas e as pequenas localidades do campo e do litoral viram suas economias minguarem.

Por sorte, isso não aconteceu em Thanet, graças aos investimentos de um grupo de nobres e plebeus endinheirados que via naquela pequena instância turística algum potencial. E, desde que começara a trabalhar no hotel, Thomas passou a admirar cada vez mais aquelas pessoas.

Só que ele admirava um pouco demais aquela mulher ruiva que insistia em chamar a sua atenção toda vez que acompanhava o Sr. Sawbridge. Ela era linda e radiava luz quando entrava em um cômodo. Mesmo sendo a secretária do homem que o empregava, do homem que se casou com seu amor de juventude e que o mataria com as próprias mãos nuas se ele sáísse da linha, Thomas não conseguia evitar.

Não, aquela mulher não era para ele – mas ela merecia ser admirada. Sempre que aparecia uma oportunidade de estar no mesmo recinto que aquela senhorita ele falava com ela e deixava que ela soubesse o quanto era fascinante. Fossem ambos da nobreza, ele diria que a cortejava com sutileza, quase sem que ninguém percebesse. Trocavam olhares e algumas palavras quando se encontravam, mas nunca conseguiram conversar por muito tempo. No fundo, Thomas temia que ela o rejeitasse antes mesmo de ter a chance de revelar seu interesse.

— Caldwell. — A voz grave do gerente o fez acordar de seus devaneios. — O Sr. Sawbridge precisa de você para um serviço. A secretária dele deve ir a Hampshire e ele não a quer viajando sozinha por essas estradas.

— Entendo, Sr. McCarthy. Mas não seria melhor uma acompanhante? Eu sou um homem solteiro.

E sou tentado pela imagem dessa mulher todo dia de minha vida desde que a conheci, era o que deveria ter dito. Passar um dia inteiro com ela seria uma enorme tortura.

— Não é uma decisão minha. Largue o que estiver fazendo, lave-se e prepare-se. O trem não vai esperar.

Uma ordem era uma ordem, mesmo que pudesse lhe causar desconforto. Aquele emprego mudara sua vida e a de sua família – desde que começara a trabalhar no hotel, com um salário digno, sua irmã passou a ter todo tratamento necessário. E eles não tiveram mais necessidades materiais a ponto de o fazer procurar a jogatina para arriscar a sorte.

Thomas correu até sua residência, que ainda dividia com a madrastra viúva e três irmãos menores, lavou-se e vestiu-se com aquela calça de linho que guardava para ocasiões especiais, um colete de brocado que usara uma vez há anos e um casaco que, por pura sorte, ainda lhe servia. Ao abotoar-se, percebeu que estava nervoso, já que seus dedos tremiam. Não podia nem deixar notarem seu estado de espírito nem destratar a mulher que acompanharia, portanto, precisava demonstrar extremo cavalheirismo sem que ela percebesse o quanto ele a achava linda.

Linda era como ela estava quando se encontraram na estação. A viagem até Hampshire durava horas demais para passar ao lado daquela mulher que o deixava tão desorientado quanto excitado – e que nunca poderia ter. Talvez ele pudesse cortejá-la, mas o que ofereceria? Sua

pobreza? Eleanor Trimmes merecia um homem que pudesse lhe dar uma vida confortável, e não seria ele.

— Obrigada por me acompanhar. — Ela disse, depois de quarenta minutos de viagem. Estavam na primeira classe, com passagens custeadas pelo Sr. Sawbridge. — Eu não me sentiria confortável em ir sozinha para um lugar tão distante.

— É um prazer, senhorita, além de um dever.

— Fico feliz que tenha aceitado vir.

— Não havia escolha. — Ele não compreendeu o que ela dizia. — Meu chefe me destacou para a tarefa.

— Sim, ele fez isso. Mas foi a meu pedido.

Thomas duvidou ter entendido o que fora dito pela Srta. Trimmes. Ela o fitava com olhos perspicazes, porém tímidos, e escondia as mãos debaixo de sua bolsa de lã, depois de contar que ela o *exigira* para aquela missão. Que ele estava indo até Hampshire porque *ela* o queria naquele trem.

— Não creio que compreendi, senhorita.

— O senhor tem uma presença agradável, Sr. Caldwell. Se alguém deveria ir comigo, esperava que fosse alguém com que eu me sentisse... *confortável*. O Sr. Sawbridge aceitou meu pedido e deu a ordem para que o senhor viesse.

Thomas se sentiu ultrajado e lisonjeado, confuso e esperançoso. Se ela o queria naquela viagem, se desejava passar um dia inteiro na sua companhia, provavelmente era porque tinha algum interesse nele. Mesmo que se sentisse indigno de uma mulher como Eleanor Trimmes, aquela possibilidade o fez considerar que cortejá-la, e aguardar mais manifestações de interesse, poderiam valer a pena. Talvez, e apenas talvez, ela acreditasse que ele fosse homem o bastante para estar ao seu lado.

Capítulo Dois

Depois de forçar uma aproximação, Eleanor ficou preocupada com sua ousadia. O que o homem pensaria dela? Já era considerada uma mulher indigna, arruinada, mãe de um bastardo, que não suscitava o respeito em lugar algum. Ninguém a olhava nos olhos e a maioria das pessoas sequer a cumprimentava. O único lugar em que se sentia bem era no trabalho, pois, por medo de Sawbridge, ninguém ousava a destratar.

Ali, em Thanet, ela também não era rejeitada – ao menos não se sentia tão mal quanto em Londres. Adoraria mudar para o litoral só para ficar afastada das línguas ferinas e desagradáveis da cidade, mas não podia deixar o irmão. Sawbridge podia estar casado com uma mulher maravilhosa, mas ele ainda precisava de uma secretária que cuidasse de tudo no escritório – e nunca conseguiria ninguém como ela, que também o amava.

Então, Eleanor teve medo de que sua demonstração de interesse fosse afastar o homem em questão, o Sr. Caldwell – o que não aconteceu. Depois da viagem para Hampshire, em que eles passaram um dia inteiro conversando sobre assuntos variados e ela não foi julgada por ter um filho bastardo em nenhum momento, ele ficou cada vez mais próximo.

Por vezes, a ajudava com algum serviço, e outras a acompanhava pela

vila. Ninguém estranhava em os ver juntos mesmo que fossem solteiros, já que a vida fora da alta sociedade era bem mais livre. Eleanor podia jurar que ele a estava cortejando, mas a sutileza das atitudes do Sr. Caldwell a confundiam. Como ele nunca tentou ir além da conversa e nunca a convidou para um passeio a sós, ela precisava descobrir se havia, de fato, algum interesse romântico por parte dele. Ah, como era tola. Com aquela idade e ainda acreditando em romance.

— Mamãe. — A voz do filho a fez parar de divagar sobre aquele assunto. — Você me prometeu sorvete.

Claro que prometera. Harry estava com ela em Thanet, ambos hospedados em um quarto no *Palace of the Sea*, na parte menos luxuosa do hotel. Sawbridge precisava dela ali, mas não a deixaria longe do filho nem mal acomodada. Ao invés de a relegar aos aposentos de empregados, garantiu que Eleanor estivesse em um quarto confortável. Desde que se casara, estava menos preocupado se descobrissem sua real conexão com a secretária.

— Assim que eu terminar essas anotações, Harry. Já enjoou de seus brinquedos?

O menino assentiu, mas deixou a mãe. Depois de meia hora inteira de silêncio, Eleanor suspeitou que havia algo errado. Crianças nunca eram silenciosas, ainda mais se queriam alguma coisa. Levantou-se e girou pelo quarto, sem encontrar o filho – e descobriu que a porta estava aberta.

— Harry? — Ela chamou. — Harry, venha aqui!!

Mas ele não estava pelos corredores. Como o elevador hidráulico não ficava acessível, Eleanor desceu as escadas procurando o menino até chegar ao térreo, onde transitavam hóspedes e outros empregados. Aquilo era um desastre – além do filho desaparecido ainda haveria uma comoção por sua busca que levaria a um pequeno escândalo, além do que ela estava disposta a suportar. Eleanor passou a vida se escondendo e sendo imperceptível nos lugares que ia para não expor Harry ao escrutínio alheio, então aquela situação toda era inadmissível.

— Sr. McCarthy. — Ela se aproximou do gerente. — O senhor viu uma criança perdida pelo saguão? Um menino pequeno e ruivo, um pouco mais curioso do que deveria.

— Eu cheguei aqui agora, senhorita. Quem estava cuidando da

recepção era o Sr. Caldwell, mas não o vejo por aqui. Talvez ele tenha encontrado a criança. É o seu filho?

A forma como o gerente falou, em baixa voz, indicou que ele entendia que Eleanor não queria que ninguém soubesse de muitos detalhes.

— Sim. Ele estava aborrecido no quarto e prometi a ele um sorvete na vila, mas precisava terminar um relatório e, quando percebi o silêncio, Harry não estava mais no quarto. Ele não costuma agir assim.

— Crianças são impulsivas, senhorita. Vamos encontrar o pequeno fugitivo.

Por alguns minutos, eles procuraram silenciosamente pelo andar térreo e o gerente ordenou que alguns empregados investigassem os outros andares. Sem sucesso, Eleanor decidiu procurar o pestinha, que não negava ser sobrinho de Grant Sawbridge, do lado de fora. Percorreu a via em frente à praia até parar, atônita, pela visão de Thomas Caldwell carregando Harry em seus ombros.

O menino tomava seu sorvete e falava sem parar. Ela não conseguia ouvi-lo, mas dava para perceber seu diabrete agitado e muito alegre. Como Harry não se relacionava muito com ninguém, a imagem a tocou fundo em seu coração. Qualquer pessoa que ousasse dar qualquer atenção ao menino já a conquistava por inteiro.

— Opa, parece que estamos em apuros. Sua mãe nos descobriu.

— Ela vai ficar brava e vai colocar o senhor de castigo. — Harry arregalou os olhos quando disse.

— Apenas eu? E quem fugiu do quarto enquanto ela trabalhava?

Thomas Caldwell colocou Harry no chão e o menino se aproximou da mãe, mostrando o sorvete já parcialmente comido e derretido.

— É de morango.

Eleanor ajoelhou à frente do filho, sem se importar que fosse sujar o vestido, e o abraçou.

— Você não pode sair sem falar comigo, entende isso? As ruas são perigosas para crianças pequenas.

— Não sou pequeno, sou um rapaz.

— É pequeno e nunca mais me assuste dessa forma. Agradeça ao Sr. Caldwell pelo sorvete e vamos entrar.

— Obrigado, Sr. Caldwell.

O menino iniciou a caminhada na direção do hotel e Eleanor ficou sem saber como prosseguir naquela interação estranha. Ela queria agradecer a ele por acalmar seu filho e dar-lhe atenção, ao mesmo tempo que queria dizer que ele deveria o ter devolvido quando o encontrou. Para sua sorte, o homem foi mais rápido em dar o primeiro passo.

— Lamento se causamos algum alvoroço. Ele estava entediado e quis deixar que a senhorita trabalhasse em paz.

A forma franca e honesta com que ele disse aquilo a desarmou. Havia um sorriso aberto e olhos muito claros que a encaravam sob a luz do sol, e Eleanor imaginou que aquele era um homem muito bonito. Era uma pena que homens bonitos nunca a quisessem para nada honrado.

— Fiquei preocupada, sim, mas agradeço sua atenção. Poucas pessoas se aproximam de Harry, ele é...

— Um menino muito esperto.

Thomas Caldwell completou sua frase, não deixando que ela preferisse que o filho era um bastardo. Porque ele era e aquele estigma que ambos carregavam a deixava preparada sempre para a rejeição.

— O senhor é um bom homem, Sr. Caldwell.

Ele sorriu novamente e indicou que os acompanharia de volta ao hotel. Um borbulhar estranho de sentimentos fazia com que Eleanor sentisse como se seu peito fosse explodir. Ninguém nunca a fizera sentir tão confusa quanto aquele ex-fazendeiro que se tornou homem de confiança do gerente do *Palace of the Sea*, porque ele simplesmente a fazia desejar coisas que sabia que não teria.

— Seu filho é uma criança muito divertida e educada. — Ele disse, fazendo com que ela se virasse para olhá-lo. — Deve ter sido difícil o criar sozinho, a senhorita está fazendo um bom trabalho.

— Às vezes sinto que uma referência masculina faz falta para ele. Um menino não deveria crescer sem um pai.

Depois de falar, Eleanor se perguntou aonde estava com a cabeça. Ela nunca deveria contar aquelas coisas para um quase desconhecido. Mas, no fundo, sabia que Thomas Caldwell não era um desconhecido. Ele a estava cortejando, não estava? Mesmo que fosse tão em segredo quanto ela nutria sentimentos por ele. Havia algo entre eles que a deixava confortável demais para abrir a boca sem pensar.

— Meu pai foi fundamental para formar meu caráter. A senhorita pretende se casar?

— Se eu quisesse, Sr. Caldwell, que homem me aceitaria?

Ela se virou novamente e o viu encarando-a incisivamente, daquele jeito que sugeria que estava se oferecendo para ocupar aquele lugar.

Capítulo Três

Ele não sabia o que fazer. Estavam presos naquele depósito até que alguém desse pela falta deles e decidisse os procurar. Considerando que estava escuro e devia passar das nove, isso significava apenas no dia seguinte. Sua família não se assustaria se ele passasse uma noite fora – não seria a primeira vez. E ela, provavelmente esperavam que já estivesse recolhida a seus aposentos no hotel.

Por que diabos aquela mulher linda, elegante e absurdamente sedutora decidira segui-lo naquela noite? O que ela fazia perambulando pela rua depois do anoitecer, sozinha e sem acompanhante, e por que entrou no depósito atrás dele?

— O senhor está bem? — Ela perguntou, fazendo-o prestar atenção no ferimento em seu braço. Thomas olhou para cima e mal acreditou que o teto desabara. Parte dele, pelo menos.

— Sim, é apenas um arranhão. A senhora?

Mesmo na escuridão, ele a viu balançar a cabeça para afirmar que sim, estava bem. Parecia bastante assustada, no entanto.

— Acha que conseguiremos sair?

— Não sem ajuda externa, pois essas vigas que despendaram bloquearam o acesso à porta. Alguém terá que nos resgatar por cima.

— Então significa que passaremos a noite aqui?

O silêncio entre eles indicou que a pergunta era retórica. Thomas

sentiu sua virilha latejar ao pensar em passar uma noite qualquer com aquela mulher. Havia semanas que ela estava em Thanet, desde que chegara para cuidar de negócios do Sr. Sawbridge. Passava os dias pelo *Palace of the Sea* tomando notas, conversando com pessoas e desfilando sua beleza sem parecer notar o efeito que causava nos homens. Os lindos cabelos ruivos cintilavam à luz do sol e assumiam tons alaranjados sempre que ela estava ao ar livre. Seus olhos azuis eram mais claros que o céu de verão, que não se destacavam naquele breu.

Depois que fizeram a bendita viagem para Hampshire e ele começou a passar algum tempo com o filho dela, Harry, as coisas entre eles ficaram descontroladas. E ali estava ela, trancada com ele em um prédio cujo telhado acabara de ruir.

— Procurarei uma forma de sairmos, mas farei um pouco de fogo, primeiro.

Eleanor Trimmes escondeu-se em um dos cantos do depósito enquanto ele andou de um lado para o outro juntando madeira e procurando um catalisador para o fogo. Depois, ajoelhou-se à frente da pilha de detritos e, usando uma pederneira que sempre carregava consigo, conseguiu iniciar uma chama fraca.

Quando se levantou, Thomas a encontrou parada exatamente atrás de si. Ela levou a mão sem luvas até o braço ferido e tocou por sobre a camisa.

— Precisamos ver como isso está. — Os dedos dela deslizaram pelo tecido arruinado. — Acha que haverá água por aqui?

O depósito ficava nas redondezas do hotel, um pouco afastado do prédio principal, na direção das árvores e do bosque. Era uma construção rústica, com um telhado alto que lembrava um galpão, e janelas tão elevadas quanto. Os vidros estavam embaçados e encardidos pela falta de quem se dispusesse a limpá-los. Era onde guardavam uma variedade de suprimentos, incluindo produtos de limpeza, alguns alimentos e outros equipamentos.

— Acredito que não, mas eu estou bem. Não precisa se preocupar, Srta. Trimmes.

Ela não se afastou, nem parou de tocá-lo. Ao contrário, os dedos longos e finos continuavam subindo e descendo pela extensão de seu braço, fazendo com que a dor desaparecesse e desse lugar a um descon-

forto físico que há muito Thomas Caldwell não experimentava. *Desejo*. Quando ergueu o queixo e olhou para ele, Eleanor Trimmes estava com os lábios entreabertos e a expressão de quem lutava contra uma força irresistível.

— Talvez eu não precise, mas acho que devo.

— O que fazia aqui fora? Por que veio até esse depósito?

— Eu o estava seguindo. — Ela não demonstrou nenhum constrangimento pelo que disse. — Queria conversar com o senhor.

— À noite? Sem uma acompanhante?

Ela riu e ele percebeu que estava nervosa.

— Não sou uma dama nem tenho virtude alguma para ser preservada, senhor. Por que me importaria em ter uma acompanhante? Apenas achei que, se estivéssemos sozinhos, poderíamos falar francamente sobre...

— Sobre?

— Nós.

Thomas sentiu a boca seca e aquele era um excelente momento para ter água – ou uísque – por perto. Talvez eles devessem, sim, conversar, mas duvidava que soubesse o que dizer. Ele a estava cortejando, mesmo que suas intenções não tivessem sido verbalizadas em nenhum momento. Sabendo que ela era uma órfã sem irmãos ou parentes, não havia para quem pedir autorização para a corte, e não sabia como abordá-la para demonstrar seu interesse.

— Eu me desculpo se fui inoportuno. — Thomas disse. — É provável que a senhorita tenha se sentido desconfortável com minha proximidade, mas eu estou desabituaado a cortejar uma mulher.

— E o senhor estava me cortejando?

— Sim.

Ela deu uma risada e se afastou um passo. A lua, alta no céu, lançava seus raios prateados sobre eles, enquanto o fogo os tingia de um tom alaranjado como os cabelos dela.

— Eu suspeitei, mas precisava confirmar. Não queria me equivocar sobre suas intenções, Sr. Caldwell, principalmente porque mulheres como eu frequentemente recebem muita atenção indesejada.

— Mulheres como a senhorita?

— Solteiras e mães.

— Entendo. Porém nunca me veio à cabeça oferecer nenhuma atenção indesejada à senhorita, nem fazer qualquer proposta indecorosa. Eu... — Thomas aproveitou a pouca luz e a agitação causada pelo desmoronamento de parte do teto do depósito para falar o que vinha represando há semanas. — A senhorita me abalou desde que chegou ao *Palace of the Sea*. Vê-la trabalhar apenas aguça meu interesse, mas sou um péssimo partido para qualquer mulher.

— E se eu disser que também fui arrebatada por sua presença, Sr. Caldwell? E que adoraria receber qualquer atenção do senhor, pois não vejo como eu poderia atrair os olhares de um homem tão digno?

O coração dele martelou no peito com tanta força que talvez pudesse chamar a atenção de alguém fora daquele depósito. Eleanor o fitava com interesse e a sua respiração fazia o decote do vestido subir e descer, provocando-o ao limite. Não havia mais limite. Thomas a segurou pelos ombros, subiu as mãos pelo pescoço dela e a beijou.

Nenhum homem decente pensaria em devassar uma mulher naquele lugar inadequado, mas ele pensava. E, quando ela correspondeu ao beijo, pediu que Deus o ajudasse a suportar aquela privação sem se perder pelo caminho.



ERA CERTO QUE ESTIVESSE ENLOUQUECENDO, mas Eleanor não pensou duas vezes quando viu Thomas Caldwell se afastando do prédio para ir até o depósito. Se ela queria uma oportunidade de ficar a sós com ele sem causar um escândalo, aquela era a melhor que teria. Claro que não esperava que, ao se aproximar do galpão, ouvisse um estrondo e que o teto desabasse, prendendo-os dentro da construção. Também não esperava que a escuridão da noite fizesse crescer nela a ousadia de expor como se sentia em relação a ele.

Porque ela o desejava. Era tão errado desejar um homem que não fosse seu marido, nem que estivesse prestes a se casar com ela! Todas as regras do decoro gritavam dizendo que não era certo querer beijar Thomas Caldwell e menos certo ainda querer ser beijada por ele, ou aprisionada por aqueles braços fortes e masculinos, mas ela não se importava. Afinal, o que teria a perder? Era uma mulher arruinada que

carregara um bastardo e decidira permitir que ele nascesse. Nenhum homem a iria querer como esposa, ela teria que se contentar em ser uma solteirona ou a amante de alguém – e a segunda opção não estava em consideração.

Então, se ela o desejava e ele demonstrava corresponder àquele desejo, nada parecia errado. Quando seus devaneios se tornaram realidade e Thomas deitou sua boca sobre a dela, Eleanor pensou ter ouvido sinos tocando ou anjos cantando. Céus, aquilo era ridículo. Uma mulher da idade dela não tinha mais sonhos românticos.

O beijo acabou muito rapidamente. Ela mal teve tempo de saborear aquele gosto de bebida barata e menta que exalava de sua boca. Thomas afastou-se em um rompante e virou-se de costas para ela, demonstrando-se transtornado por ter cruzado uma linha que os poderia colocar em situações irreversíveis – algumas das quais ela conhecia bem.

— Eu lamento. — Ele disse. — Não deveria ter feito isso.

— Pois eu não lamento. Tire a camisa, Sr. Caldwell.

Ele se virou e a encarou, assombrado. Eleanor sorriu, divertindo-se por ele pensar que ela fosse pura.

— Para que eu possa examinar o ferimento. Está sangrando, precisamos fazer alguma coisa.

Porque ele ficou inerte, Eleanor se aproximou e começou a abrir os botões da camisa branca. Talvez uma costureira conseguisse acertar aquele estrago, mas provavelmente a peça de roupa estava arruinada para sempre. Serviria apenas como bandagem para enfaixar o braço, caso fosse preciso. À medida em que ela superava os botões, descobria aquele peito bronzeado e seus olhos se perdiam na pele rija, permeada de fios dourados que cobriam camadas de músculos esculpido por anos e mais anos de trabalho nas terras.

Não a surpreendia que Wilhelmina, quando solteira, houvesse se encantado por aquele espécime masculino. Thomas Caldwell era bonito com suas roupas e parecia irresistível sem elas. A forma como o peito dele subia e descia pela respiração enquanto ela o tocava fazia com que Eleanor suspeitasse que ele a desejava – e um homem excitado era perigoso. Ela deveria evitar aquela proximidade toda, mas não conseguia.

— Dói? — Perguntou, tocando o corte no braço dele, que fora causado por detritos arremessados pelo desmoronamento.

— Agora, não mais.

Thomas tinha olhos claros e eles estavam escuros naquele momento. As íris dilataram e o deixaram com um olhar sombrio de quem estava prestes a atacar. Eleanor deveria temer, mas não conseguia. Algo dentro dela despertou e fez com que ela desejasse simplesmente continuar com as mãos sobre ele.

Mas precisava fazer alguma coisa. Deixou-o parado no meio do depósito, pegou um pedaço de madeira incandescente e perambulou por entre as prateleiras do depósito, procurando algo para limpar o ferimento. O correto seria que ela o costurasse, mas naquela escuridão não seria possível sem causar um estrago enorme. Encontrou uísque, conhaque e *brandy* de qualidade mediana, usado na culinária, para preparar alguns drinques e servir hóspedes que não podiam pagar pelos melhores rótulos. Ela não entendia muito bem daquilo, mas pegou algumas garrafas, tecidos grossos e levou até onde ele a aguardava.

Parado à luz da fogueira, sem camisa, Thomas Caldwell era uma bela visão. Eleanor precisou concentrar-se para garantir que conseguiria tocá-lo novamente sem entrar em combustão pelo desejo que a arrebatou. Mulheres decentes não deviam sentir aquelas coisas, o que a levou a concluir que as fofocas estavam certas – ela não era decente.

— Vou limpar o ferimento com o que encontrei. — Ela exibiu uma garrafa de uísque. — Depois, enfaixarei para evitar mais sangramentos. Talvez o senhor deva beber um pouco.

Thomas não discutiu, levou a garrafa de uísque à boca e bebeu um longo gole. Eleanor ficou hipnotizada pela imagem do seu pescoço se movendo e não conseguiu se controlar – levou a mão e o tocou. A ponta dos dedos entrou em contato com o calor masculino de Thomas Caldwell e ele parou imediatamente o que fazia para encará-la – o que não a intimidou. A outra mão se juntou à primeira e, quando percebeu o que fazia, Eleanor segurava o homem pelos ombros e levava os lábios até os dele.

A garrafa de uísque caiu no chão quando Thomas a segurou pela cintura e a puxou para si. Se, momentos antes, o beijo foi calmo e tranquilo, aquele era agitado e molhado. O uísque umedeceu os lábios dela, que se abriram sôfregos para recebê-lo por inteiro. O contato com aquele corpo masculino fez com que ela esquecesse momentanea-

mente o que precisava fazer, que ele estava ferido, que ambos estavam presos e que ela não deveria se entregar a uma aventura sem perspectivas.

— Srta. Trimmes, acredito que deva manter uma distância razoável de mim, a partir de agora. — Thomas disse, sem conseguir soltá-la. Salpicava pequenos beijos mornos pelo maxilar, descendo pelo pescoço, enquanto as mãos a mantinham firme de pé. — Não sou suficientemente forte para afastar-me da senhorita. Acho que nunca desejei tanto uma mulher como a desejo.

Ah, ela queria ser desejada, mas de verdade. Por alguém que fosse amá-la e respeitá-la, não por alguém que a propusesse uma noite de prazer, apenas. Como não era mais virgem, Eleanor recebia frequentemente propostas indecorosas de homens que a queriam para um momento. Mas Thomas não era um daqueles. Mesmo que ela não acreditasse que ele a quisesse como esposa, ele não se mostrava como um aproveitador.

— Talvez eu também não seja forte para me afastar. — Ela disse e sua voz saiu como um gemido esganiçado, porque ele não parava de beijá-la em lugares que Eleanor nem mesmo sabia que podiam causar alguma sensação.

— Eu não sou um homem adequado para a senhorita. Se nós... se algo acontecer, a senhorita estará presa a mim. Jamais seria capaz de forçá-la a um casamento com alguém com tão baixas perspectivas como as minhas.

Daquela vez Eleanor colocou as duas mãos no peito despido dele e o afastou. Ela queria rir, gargalhar porque ele se achava indigno dela e aquilo era uma surpresa. Como aquele homem maravilhoso poderia acreditar que não a merecia? Justo ela, uma mãe solteira, uma pária na sociedade britânica, alguém que só conseguia sobreviver com alguma dignidade porque recebia ajuda de seu irmão – que posava de patrão pois eles não podiam revelar o segredo que os unia?

— Sr. Caldwell, o senhor não pode estar falando sério. Acha que, se... se algo acontecer entre nós será *obrigado* a me desposar? Eu não sou mais uma virgem, senhor. E, além do mais, como pode pensar que eu seria infeliz me casando com o senhor?

Ele pareceu aturdido pelo arroubo de Eleanor, que estava nervosa o

suficiente para quase gritar. Nunca ouvira tantos disparates da boca de um homem, antes, e nunca se sentiu tão bem em ouvi-los, antes.

— Se fizermos amor sobre esse amontoado de lã, senhorita, eu não a deixarei sair dessas ruínas para outro lugar que não para a casa do vigário.

Céus, Thomas falava sério. Ele chegava a dizer “fazer amor” e aquilo estava sendo demais para que suportasse. Não havia outro como aquele espécime com quem tivera a sorte de cruzar caminhos e, mesmo que nada muito permanente surgisse daquela noite, ela o queria e isso teria que bastar.

Ela voltou até as prateleiras e achou colchas e cobertores que estavam guardados para reposição. Pegou alguns e levou para perto do fogo. Eles possuíam cobertura o suficiente para não se molhar caso chovesse e podiam ver o céu estrelado do lado de fora pelo buraco no telhado. O ambiente estava romântico o suficiente para fazer com que ela achasse que estava sonhando. Thomas ajeitou lãs e malhas até formar uma cama confortável e indicou que ela deveria aprovar.

Frio misturou-se ao calor que ela sentia ao lado dele. Seu corpo começou a tremer pela antecipação do que poderia acontecer – ela nunca estivera com um homem depois do pai de Harry e não queria decepcionar aquele que estava ali, de pé, olhando para ela como se ela fosse uma joia preciosa.

— Não precisamos nos deitar juntos, se não quiser. Posso ir para o outro lado...

— Não. — Eleanor ajoelhou-se sobre os cobertores e bateu com a mão ao seu lado. — Tenho medo do escuro e de ficar sozinha. Fique comigo.

Thomas enrijeceu a expressão e retirou os sapatos. Depois, acomodou-se ao lado dela, deitando-se na cama improvisada e abrindo os braços para ela. Era uma intimidade que ela já se desacostumara a ter com um homem, mas que não recusou a ele. Retirando as sapatilhas e descartando o xale que cobria seus ombros, ela se atirou nos braços que a chamavam.

Ele se virou e a beijou. Os lábios de Thomas eram doces, mas agiam como um poderoso entorpecente que a desarmava. Enquanto ele a acariciava os cabelos e soltava os grampos que prendiam seu penteado no lugar, buscava saboreá-la com a língua, que a acariciava com suavidade.

Era um beijo ousado, indecente, delicioso. Como ela nunca experimentara um beijo como aquele? A boca dele brincava com a dela, deslizava para o maxilar, trilhava os caminhos de seu pescoço e parava ali, onde o decote do vestido o impedia de prosseguir. Depois, fazia o caminho inverso e voltava a tomá-la, afogando-a na umidade de sua língua e fazendo com que ela desejasse cada vez mais aquele contato.

— Se você me permitir, eu vou amá-la essa noite. Mas não a possuirei, apenas saboreá-la. — Ele murmurou em seus ouvidos, fazendo cócegas.

— Não sei o que isso significa.

— Significa que faremos amor de uma forma diferente. Você é uma mulher linda, Eleanor, e merece ser reverenciada. Permita-me ser o homem que a reverenciará.

Enquanto Thomas falava, seus dedos a tocavam na borda do decote. Eleanor continuava sem entender o que ele pretendia, mas não seria louca de lhe negar nada. Assentiu, balançando a cabeça, e ele avançou, levando os dedos para dentro do vestido e tocando-a ali, onde os mamilos túrgidos clamavam por atenção. Envergonhada, ela gemeu mordendo os lábios, tentando se reprimir. Thomas riu, esticando os lábios em contato com sua pele, e voltou a beijá-la, daquela vez sem respeitar limites impostos pelo tecido. Com alguma habilidade, ele afrouxou o vestido e fez com que seus seios se libertassem da prisão que os mantinham cativos. O ar fresco entrou em contato com a pele febril e logo a língua dele estava ali, circulando os mamilos e fazendo com que ela se contorcesse sob aquele corpanzil viril.

Havia muitas regras sobre a intimidade entre homens e mulheres, mas Eleanor sentia como se já tivesse infringido todas depois que gerou e pariu um bastardo. Nada podia ser considerado mais grave do que aquilo, então não restavam motivos que a impedissem de se entregar — mas ela não conseguia abrir os olhos e encará-lo. Thomas ergueu-se sobre ela e continuou a dar atenção aos seios carentes, beijando-os, acariciando-os com os lábios, colocando-os na boca e sugando-os. A cada toque ela soltava um gemido menos contido. Ele a virou de lado e abriu o restante dos botões, tornando o vestido e o espartilho um monte de tecido inútil.

— Faz algum tempo. — Thomas puxou o vestido até fazê-lo sair,

deslizando por suas pernas. Eleanor ficou diante dele apenas em suas roupas íntimas e suas meias – o que não era muita coisa. — E eu sinto como se estivesse esperando por você esse tempo todo.

— Não precisa me dizer palavras bonitas. — Ela tentou se esconder com os braços, mas ele os segurou e forçou-os a abrir. — Não sou uma menina, Thomas.

— Nem eu sou um garoto para dizer bobagens em vão. Eu desejei você desde que meus olhos bateram em sua silhueta ruiva, e sinto-me honrado que queira ficar comigo essa noite, Eleanor.

Ele tomou-a nos lábios e usou as mãos para desfazer os laços da *chemise* e da calçola, que desapareceram sem que ela percebesse. Se fazia muito tempo que ele não tinha uma mulher em sua cama, não parecia, pois Thomas era bastante habilidoso. A boca desceu para os seios, para a barriga, a língua circulou o umbigo e logo ele a estava tocando ali, na sua feminilidade. Eleanor se contorceu pelo desejo e pela vergonha, preocupada que ele não deveria estar tão perto daquela parte de seu corpo.

Mas Thomas não estava nem um pouco intimidado. Ao contrário, ele parecia extasiado pela visão dos cachos ruivos que recobriam seu centro de prazer. Levou os dedos até eles, enroscou-os nos indicadores, usou os polegares para abrir os lábios e a expor completamente.

— Eu agora vou beijá-la. Se fizer algo que não goste, peça-me que eu paro.

Ela quis assentir, mas não teve tempo – em um segundo Thomas estava com a boca em suas partes femininas, passando a língua por toda a sua extensão e mordiscando aquele botão intumescido onde o prazer pulsava e pedia por algo que ela pouco sabia o que significava. Com paciência e devoção ele a lambeu e chupou enquanto ondas de puro prazer a atingiam e a levavam cada vez mais perto de um naufrágio. Eleanor sentiu calor e foi arrebatada por um êxtase intenso quando ele a penetrou com dois dedos, a ponto de considerar que sua alma pudesse sair do corpo.

Thomas continuou a beijá-la suavemente, traçando círculos com a língua na parte interna de sua coxa, enquanto ela se recuperava. Depois de alguns minutos, deitou-se ao lado dela e a puxou para seus braços. Eleanor estava ainda desfeita, certa de que nunca sentira nada que a

fizesse tão bem. Ao acomodar-se sobre ele, resvalou sobre a ereção que parecia capaz de arrebentar as costuras da calça que Thomas usava.

— Você não vai... — Ela perguntou, sem conseguir verbalizar o que pretendia. Ele entendeu.

— Não agora, não enquanto você não me aceitar como seu marido. — Ele riu e beijou-a nos cabelos ruivos, que estavam emaranhados. — Uma vez, um homem não soube se controlar e a deixou abandonada com um filho. Eu não sou assim, Eleanor, e provarei isso respeitando-a a ponto de só a possuir plenamente quando todos os nossos filhos puderem ser legítimos.

Por mais que ela ainda o desejasse, que ainda o quisesse por completo, Eleanor não sabia o que dizer. Aquela era a maior prova de respeito e carinho que um homem já demonstrara – renunciar ao próprio prazer para que ela não corresse nenhum risco.

— Pensei que houvesse formas de... de evitar filhos.

— Sim, há. E eu tenho dois irmãos derivados dessas formas. — Thomas riu. — Eu posso esperar, querida, se eu souber que você está disposta a considerar minha proposta.

— Isso é uma proposta?

— Eu disse, não sou um garoto. Sei o que quero, e o que eu quero é você. Hoje, amanhã e vou querer para sempre.

Eleanor sabia que era rápido demais, mas a experiência de Sawbridge a empolgava. Ele mal conhecia sua esposa antes de se casarem e eram um dos casais mais apaixonados que ela já vira. O mesmo poderia acontecer consigo. Casar-se com Thomas Caldwell era mais que um sonho – era a garantia de uma vida melhor. Ela não seria mais uma solteirona rejeitada, mãe de um bastardo. Ela teria um marido que zelaria por si e que a manteria em segurança.

Capítulo Quatro

Depois que ela adormeceu em seus braços, Thomas não conseguiu pegar no sono. Sua mente girava por todas as coisas que estavam acontecendo naquele instante – tudo que ele queria, mas que tinha certeza de que nunca teria. Acabara de dizer a Eleanor que desejava casar-se com ela, o que era verdade. Mas o que poderia oferecer além de sua devoção? Talvez fosse o suficiente, já que ela não o questionara em nenhum momento. Isso significava que, assim que o sol raiasse e eles fossem resgatados daquela situação assustadora, ele estava prestes a adquirir uma família.

Eleanor não tinha parentes, então bastava que ele a desposasse. Não precisava pedir permissão a ninguém nem enfrentar familiares desconfiados. E ela vinha com um filho de seis anos a tiracolo, garantindo que ele já começaria sua vida a dois com uma criança. Harry era um menino maravilhoso, ele faria satisfeito o papel de pai daquele garotinho adorável.

Estava decidido. Se ela retomasse seu juízo e mudasse de ideia quando acordasse, ele a deixaria em paz, mas faria o possível para mostrar para Eleanor que era um homem digno. Quando algumas rajadas de dourado tingiram o céu do litoral, Thomas acabou adormecendo ao lado da mulher que escolhera para ser sua esposa. Esperava fazer aquilo

muitas outras vezes no futuro, só preferia não ser acordado por um bando de pessoas escandalosas.

— Oi! Há alguém aí? — Uma voz ecoou do lado de fora do depósito, despertando-o.

— Srta. Trimmes? — Aquela era a voz do Sr. Sawbridge. Ah, Thomas estava muito ferrado. Ele provavelmente morreria antes de conseguir se casar, pois o patrão de Eleanor o enforcaria em praça pública por fornicar com ela. — Você está aí dentro?

Thomas se levantou, acomodando-a nos cobertores e mantendo-a coberta. Não queria aquele corpo feminino que lhe pertenceria em breve sendo observado por outros homens.

— Estamos aqui, senhores. — Ele se aproximou da porta obstruída. — Fomos surpreendidos pelo desmoronamento, mas estamos bem.

— Sr. Caldwell, o que está fazendo com minha secretária nesse depósito?

— Meu senhor, foi um completo acidente. Nenhum de nós dois planejava que isso acontecesse, posso lhe garantir.

— Deixe-me falar com ela.

— Ela está dormindo, senhor.

— Certo. Chamarei alguns homens e os tiraremos desse prédio. Depois eu e o senhor teremos uma conversa séria.

Como um homem que acabara de receber uma sentença de morte, Thomas se sentou ao lado de Eleanor e a beijou na face. Ela estremeceu e despertou, espreguiçando-se e olhando para ele. Ao perceber onde estava, puxou a coberta para cima e olhou ao redor, preocupada.

— Acalme-se. Sou eu.

— Alguém sabe que estamos aqui?

— Sim, já estão vindo para nos resgatar. Acordei-a porque imaginei que fosse querer se arrumar propriamente antes que homens coloquem algumas paredes abaixo.

Ela sorriu, linda e radiante como o dia que começava. Fazia, sim, muito tempo que ele se sentira daquela forma, e precisou renunciar à mulher que o fazia suspirar como um tolo. Não queria desistir de Eleanor. Ajudou-a a levantar-se e depois a vestir-se, agradecendo silenciosamente seu autocontrole, pois o vestido permanecia íntegro e com todos os botões.

— Deixe-me cuidar de você, agora. — Ela tocou-o no braço. O ferimento latejava um pouco e as bordas ressecadas estavam com aspecto avermelhado. — Vou limpar e envolver em uma bandagem. Quando sairmos você pode ver um médico.

— Não preciso de médico, isso logo vai sarar.

Ela continuou sorrindo enquanto o ignorava e jogava um pouco de bebida sobre o corte. Foi uma dor infernal que ele resistiu para não demonstrar fraqueza diante dela. Depois, a camisa dele foi rasgada e transformada em curativo. Eleanor era habilidosa e Thomas admitiu que teria mais uns trinta ferimentos apenas para que ela cuidasse dele e mantivesse as mãos sobre sua pele.

O encanto acabou quando um estrondo do lado de fora fez com que se encolhessem. O resgate chegara e Thomas precisou levá-la para algum lugar longe da porta, longe de onde os homens pareciam prestes a derrubar. Arrastou-a para os fundos do depósito e manteve um cobertor de lã sobre eles enquanto poeira subia, madeira quebrava e a porta cedia. Em alguns minutos eles estavam livres e o Sr. Sawbridge estava ali, olhando desconfiado para a forma como ele segurava Eleanor em seus braços. Oferecia proteção, mas sabia que a situação era extremamente indecorosa.

— Vejo que estão bem. — Sawbridge os fitou longamente. — Sr. Caldwell, o desabamento fez com que precisasse retirar suas roupas?

— Ele se feriu, senhor. — Eleanor intercedeu. — A camisa foi tirada para que eu pudesse o tratar.

— Entendo. Bem, vamos sair daqui porque já chamei um mestre de obras e ele cuidará desse prédio. Quando se recompor, Sr. Caldwell, vá até o salão de cavalheiros no primeiro andar do *Palace of the Sea*.

Eleanor sorriu para ele e seguiu o patrão quando ele saiu do galpão. Thomas levou alguns minutos para conseguir se mover, sem conseguir compilar tudo que estava sentindo no momento. Estaria ele mesmo prestes a se casar com aquela mulher maravilhosa? Porque duvidava que fosse sair vivo ou solteiro de uma conversa com Grant Sawbridge depois de ter passado uma noite indecente com a mulher que ele declaradamente protegia.

Preparado para o pior – ou o melhor, Thomas Caldwell foi até sua

residência, lavou-se, vestiu uma roupa limpa e adequada e voltou para o *Palace of the Sea*. O Sr. Sawbridge o esperava bebendo conhaque e fumando charuto, com uma expressão de desagrado enquanto lia o jornal passado a ferro. Seria ideal que a testa franzida se desse pelas notícias de Londres, mas Thomas duvidava disso.

— Sente-se. — Sawbridge disse, indicando uma poltrona. — Sirva-se de um conhaque, antes.

— Não devo beber durante o serviço, senhor.

Sawbridge ergueu o olhar e o fitou.

— Não me parece estar trabalhando agora, Caldwell. Vamos, beba. Preciso que me explique o que diabos aconteceu ontem. O que houve, o que há entre você e a Srta. Trimmes?

Thomas não discutiu. Aquela era talvez sua única oportunidade de beber um conhaque tão fino, portanto aceitou a oferta e serviu-se de uma dose. Sentou-se onde fora indicado e se preparou para contar sua história. Não havia muito a dizer – fora buscar suprimentos, ela o seguiu porque queriam conversar, o telhado desabou.

— E por que precisavam conversar?

— Porque eu... bem, nós... faz alguns dias que...

Ele passaria vergonha na frente do industrial mais poderoso da Grã-Bretanha porque não conseguia explicar com palavras compreensíveis o seu sentimento por Eleanor Trimmes, nem o que poderia haver entre eles. Era um flerte, um cortejo informal, e se tornou em uma desajeitada proposta de casamento depois de uma noite de prazer. Para sua sorte, ou salvação, a mulher irrompeu salão adentro, pisando firme na direção deles.

— Sr. Sawbridge, o senhor não pode intimidá-lo. — Ela disse, colocando as duas mãos nos quadris e enfrentando o patrão. Eleanor também se lavara e estava com um vestido de dia, claro e adequado. — Eu e o Sr. Caldwell podemos resolver nossas questões sozinhos.

— Sente-se, Eleanor. A minha interferência não está em negociação, eu quero saber quais são as intenções desse moleque.

Ela estremeceu por ser chamada pelo nome de batismo. Thomas também estranhou a intimidade – não era nada comum que um patrão se referisse daquela forma a uma empregada. O que havia entre eles que

não se sabia? Não podiam ser amantes, pois Wilhelmina jamais aceitaria compartilhar seu marido com outra mulher, principalmente uma que frequentava a sua casa.

— Grant, você não deve...

— Oras, se ele pretende casar-se com você, logo descobrirá sobre nós. E imagino que o senhor pretenda casar-se com ela, não é isso, Sr. Caldwell?

Thomas virou um gole de conhaque e ajeitou-se na cadeira.

— Sim, Sr. Sawbridge, essa é minha intenção. Mas não formalizei ainda o pedido, estava esperando uma ocasião mais adequada.

— Essa me parece uma ocasião perfeita. — Sawbridge exibiu um sorriso sarcástico. — Vamos às revelações. Eleanor é minha irmã. Explicarei melhor depois, quando tiver tempo, os motivos pelos quais tudo isso é segredo, mas o futuro marido dela deve ser informado desse fato. Portanto, Sr. Caldwell, é a mim que deve pedir a mão dela e espero que seja bastante eloquente quanto ao que pretende oferecer à minha irmã, pois eu sou um pouco ciumento.

— *Um pouco?* — Eleanor deu uma risadinha.

— Não se meta nisso, deixe que o homem fale.

Ele falaria. Bebeu o restante de seu conhaque para adquirir coragem e contou que prestou atenção nela desde o primeiro dia em que a viu no *Palace of the Sea*, que quis convidá-la para um passeio várias vezes e que, depois de Hampshire, aproveitava toda oportunidade que tinha para passar algum tempo com Eleanor. E terminou dizendo que adoraria casar-se com ela, mesmo que não tivesse muitas posses – considerando que trabalhava há poucos meses no hotel, era o mesmo que não ter posse alguma.

Sawbridge ouviu com interesse. Quando Thomas terminou, ele falou como se proferisse uma sentença.

— Pois bem, pedirei ao duque que consiga uma licença e vocês se casam até o final de semana.

— Nem pensar.

— Talvez seja melhor um pequeno noivado para que possamos ajustar as coisas, meu senhor.

Eles falaram ao mesmo tempo e Sawbridge bufou, exalando ar com muita força.

— Depois de terem passado uma noite juntos, não acho prudente esperarem muito. Você não pode correr novos riscos, Eleanor. Sabe o que pode acontecer.

— Eu não toquei nela, senhor. — Ao perceber a incredulidade do olhar do industrial, achou melhor contar a verdade integral. — Ao menos não dessa forma, da forma que pode levar a um bebê. Eu pretendo esperar o casamento.

— Certo. Eleanor, se você não quiser ficar com esse, vou achar que está louca. Não existem homens como ele por aí, a maioria é como eu — desonrada e desalmada. Esse moleque é definitivamente o melhor partido que há. Se vocês querem esperar, tudo bem. Finalmente agora, com minha irmã casada, poderemos ajustar a mudança dela de White-chapel. Não aguento mais vê-la naquela pocilga.

Da mesma forma que terminou de falar, Sawbridge levantou e esperou que os demais também se levantassem. Thomas não sabia muito bem como agir diante de uma situação daquelas, em que o outro interlocutor comandava totalmente a conversa, mas estendeu a mão para cumprimentar seu novo futuro cunhado. Depois de um aperto sincero de mãos, Sawbridge bateu no ombro dele e saiu da sala.

Como aquele era um lugar inadequado para manter Eleanor, Thomas a conduziu pelos corredores até seu escritório — o escritório do gerente, na verdade. Fechou a porta, aproveitando-se que o Sr. McCarthy não estava ali, e voltou a respirar.

— Lamento. — Ela disse. — O Sr. Sawbridge é muito controlador e ele tem essa sensação de que manda em tudo. Você deseja mesmo casar-se comigo, Sr. Caldwell?

— Thomas. — Ele se aproximou dela e segurou suas mãos enluvasadas. — Creio que somos íntimos o suficiente para isso. E a resposta é sim, eu quero. E saiba que teremos o noivado que for preciso, na duração que desejar, para que o casamento saia como sonhar. Eu apenas... eu não sou um homem rico, Eleanor. Não poderei oferecer muito, a começar de agora.

Ela levou a mão até a face dele e o acariciou.

— Nenhum me ofereceu nada além de restos. Você pode dizer que pode me dar o mundo, Thomas. Eu serei uma mulher de muita sorte.

Ele sorriu, aliviado, e selou o pacto entre eles com um beijo breve,

porém determinado. As coisas aconteciam muito rapidamente para casais que tinham a idade deles, principalmente quando a mulher tinha um passado escandaloso. Só que ele achava que isso seria uma coisa boa, pois, ao menos, eles estavam atraídos um pelo outro. A partir daquele dia, ansiaria por tê-la novamente a cada minuto que se passasse.

Capítulo Cinco

Havia um problema de difícil superação em seu noivado: ela morava em uma cidade, Thomas Caldwell em outra. Eleanor não imaginava que fosse um problema mudar-se para a tranquila vila de Thanet, mas Sawbridge não queria deixá-la ir e já estava acostumada à agitação de Londres. Depois de mais três semanas, seu trabalho por ali terminou e ela teria que retornar para sua casa e suas atividades normais, deixando Thomas para trás.

Afinal, ele tinha um emprego do qual também não podia abrir mão. Se ambos trabalhassem, a renda familiar seria bem melhor.

— Vou dizer a Sawbridge que me demito. — Ela reclamou, insatisfeita em interromper o beijo que tanto lhe fazia bem. Eleanor e Thomas estavam na praia, em uma das partes menos movimentadas. — Não quero vê-lo de novo só no dia de nosso casamento, Thomas.

— Isso não vai acontecer, minha querida. Eu também estou com um problema para manter minhas mãos longe de você. — Ele a segurou com as duas mãos ao lado da face e a beijou novamente. — Pedirei ao Sr. McCarthy uma folga, acompanharei vocês a Londres e procurarei um emprego por lá. Se tiver recomendação, creio que consiga ser contratado.

— Não posso fazer isso, tirá-lo de perto da família.

— Minha família está ótima. Meus irmãos encaminhados, cuidando

das terras e minha irmã tendo toda assistência necessária, graças aos esforços do Conde de Cornwall e da Sra. Sawbridge. Posso vê-los uma vez por mês, mas não posso ficar mais longe de você.

Aquela era uma deliciosa rendição, algo que Eleanor não esperava tão cedo, mas que desfrutaria se pudesse. Thomas beijou-a novamente e eles precisaram se afastar, ou acabariam não respeitando as condições que ele mesmo determinou – esperar o casamento para consumá-lo, mesmo que não houvesse mais virgindade envolvida.

No dia seguinte, foram de trem até Londres e Thomas conheceu a casa de Eleanor. Mesmo sendo em uma região desprestigiada, era uma casa bonita, bem cuidada e sempre pintada de cores alegres. Havia flores nas jardineiras e uma lâmparina do lado de fora que mantinha a fachada sempre iluminada. Mesmo que Sawbridge não pudesse tirá-la daquele lugar e a levar para uma região mais rica, pois pensariam certamente que ela era sua amante e eles acabariam tendo que revelar a verdade para evitar burburinho desnecessário, a casa nunca foi negligenciada e era definitivamente a mais bonita da rua.

Era totalmente inadequado hospedar um homem em casa, sendo uma mulher solteira, mas Eleanor não se importou com aquele escândalo em questão. Já estava arruinada desde que pariu e manteve um bastardo, ficar com seu noivo antes de se casar não era o que a impediria de passar pelo menos dois dias envolvida com Thomas. E daria a chance para que ele convivesse com a rotina de Harry, que era uma criança muito simples e cheia de sonhos.

Depois de um dia, Thomas voltou sem ter conseguido nenhuma oferta de emprego decente. Logo assim que ele retornou para a casa de Eleanor, Grant Sawbridge chegou. Ela pensou que o irmão estivesse ali para repreendê-los por estarem passando aqueles dias juntos, mas era algo diferente.

— Vim buscá-los para jantar. — Sawbridge disse, mostrando que a carruagem o aguardava do lado de fora. — E, por favor, não demorem, pois Wilhelmina não costuma gostar de atrasos.

— Acha que é uma boa ideia, senhor? — Thomas perguntou.

— Sr. Caldwell, minha esposa me ama. Ela disse isso com todas as letras e eu acredito nela. O senhor está envolvido com minha irmã. É possível que eu desejasse esmurrá-lo pelo passado, mas respeito todas as

suas atitudes para com as duas mulheres da minha vida, por enquanto. Assim, creio que seja adequado jantarmos juntos, como pessoas civilizadas.

Eleanor sorriu e indicou que iria se vestir. Ela não tinha nada muito elegante para jantar na casa de uma dama, porém Wilhelmina não era uma mulher arrogante. Pegou seu melhor vestido verde, aquele que tinha menos partes puídas, e ajeitou o cabelo em um coque com alguns cachos pendurados. Suas roupas de trabalho eram muito boas, mas roupas de festa ela nunca usava.

Quando chegou à sala novamente, encontrou Thomas também vestido adequadamente. Traje completo escuro, os cabelos loiros muito bem aparados e penteados de lado, gravata branca no pescoço. E, para sua surpresa, Harry também estava vestido como um pequeno homenzinho.

— Como mulheres demoram muito a se arrumar, decidimos vestir o garoto. — Thomas exibiu o menino como se fosse sua obra de arte e estivesse muito orgulhoso. Ela sentiu seus olhos arderem por lágrimas que não deixaria rolar, pois nunca fora tão bem tratada em toda a sua vida, principalmente por homens.

Sawbridge os conduziu pelas ruas escuras da cidade até Mayfair, e a mudança de paisagem era assustadora. As vias da região mais elegante de Londres eram iluminadas e seguras. Quando chegaram à residência do industriário, Wilhelmina estava ansiosa aguardando. Ela tinha uma linda barriga redonda da gravidez, já nas semanas finais, mas continuava ativa e com um humor divertidamente sarcástico.

Ao final de um jantar formal e delicioso, os homens se reuniram na biblioteca para tomar um vinho do porto, mas sua cunhada não estava disposta a deixá-los conversar a sós.

— Se vocês pensam que vão falar sobre o futuro de Eleanor sem que ela esteja presente, estão enganados. — Wilhelmina protestou e os seguiu até a biblioteca.

— Eu deveria invocar meus direitos de marido e expulsá-la. — Sawbridge reclamou, servindo o vinho para si e para o convidado. — Por que não age como uma esposa comum pela primeira vez e me deixa tratar de negócios com o Sr. Caldwell?

— Porque você não me ama por ser comum. — Ela beijou a face do

esposo e se acomodou em um sofá, apoiando os pés em almofadas. Como nenhuma das mulheres sairia dali os homens decidiram começar a conversar.

— Bem, Sr. Caldwell, não vou me demorar pois sou sempre objetivo. Uma de minhas fábricas precisa de um novo gerente e quero lhe oferecer o cargo.

Thomas se engasgou, quase cuspidando o vinho cuja dose custava um mês do seu salário. Eleanor segurou a mão dele, querendo oferecer algum conforto.

— Eu nunca fui gerente, Sr. Sawbridge. Não creio que seja a pessoa mais indicada.

— O senhor não está trabalhando com McCarthy há meses? Creio que esteja muito qualificado. Além do mais, será meu cunhado e prefiro deixar os negócios nas mãos de quem posso confiar. Posso confiar no senhor, Sr. Caldwell?

— Claro que sim, Sr. Sawbridge. — Thomas endireitou-se na poltrona, mantendo a coluna ereta. — Eu gostaria muito de um emprego que me permitisse dar uma vida confortável para minha esposa, mas...

— Então você pode aceitar, Thomas. — Foi Wilhelmina que disse. Eleanor sentiu uma pontada de ciúmes ao percebê-la tão íntima de Thomas, chamando-o pelo nome de batismo, mas sabia que estava sendo tola. Eles tiveram um romance no passado e ambos seguiram em frente por suas próprias decisões. Não adiantava manter aquilo entre eles, ou seu relacionamento com Thomas ficaria insustentável. — Aposto que Grant oferecerá um salário acima do mercado e bônus por produtividade.

— Oferecerei?

— Claro que sim, não foi o que me disse?

Sawbridge sorriu para a esposa e Eleanor sentiu seu coração se aquecer. Ela queria aquilo para si e acreditava que tudo que precisava estava à sua frente, materializado em um homem loiro, de olhos claros e expressão masculina. Thomas entrelaçou os dedos aos dela e a fitou por um longo minuto antes de responder a uma pergunta não verbalizada.

— Eu aceito trabalhar para o senhor. E, se for possível, também acei-

tarei a interferência do duque para conseguir uma licença antecipada de casamento. Não quero continuar morando com Eleanor sem estar casado com ela.

Sim, era uma decisão inteligente. A permanência de Thomas em Londres causaria muitos mexericos e seria mais um incômodo com o qual teria que lidar. Nenhuma mulher solteira recebia homens em sua residência, mesmo que fossem noivos. No dia seguinte o Duque de Shaftesbury já estava se movimentando para obter uma licença de casamento em tempo recorde, para dois plebeus incapazes de esperar.



POUCO TEMPO depois de voltar para Londres, eles retornavam a Thanet para o casamento de Thomas Caldwell e Eleanor Trimmes. Ninguém confirmava nada acerca do parentesco dela com o industrial milionário, apenas entendiam que ele era um patrão muito cuidadoso com seus empregados – o que não representava uma mentira, afinal. Infelizmente, ele e sua esposa não puderam ir pois Wilhelmina estava grávida demais para uma viagem daquelas.

A capela da vila foi ornamentada com a ajuda de Agatha e Elizabeth, a pedidos da cunhada da noiva. Caroline também não pode comparecer, pois o seu segundo filho, Roscoe, nascera um pouco antes da hora e estavam mãe e filho sob cuidados. Apesar da pequena ausência de alguns nobres, os plebeus moradores de Thanet estavam bastante animados com o casamento de um dos seus. Thomas Caldwell era muito querido e sua partida para Londres era celebrada por uns e lamentada por outros, como o Sr. McCarthy, que ainda não superara a perda de seu melhor auxiliar.

Harry atuou como pajem, entrando na pequena capela com as alianças que serviriam de símbolo de união entre sua mãe e o futuro amor de sua vida. Eleanor tinha certeza de que podia vir a amar Thomas, pois tudo nele a encantava. E, depois que o vigário proferiu as últimas palavras e os declarou marido e mulher, ela desejava que eles pudessem se refugiar em algum lugar escondido para aproveitar o início de uma nova vida.

Como presente de Sawbridge, aquele desejo se tornou parcialmente realidade. Harry foi passar a noite na casa de Agatha e Edward para brincar com as crianças e os recém-casados ganharam o direito de usar uma das suítes luxuosas do *Palace of the Sea*. Depois de despir-se do vestido de noiva e cobrir-se com um roupão leve de seda, Eleanor parou na frente da janela envidraçada e observou o lado de fora, onde as ondas arrebentavam em espuma na areia.

Em uma longa piscada, ela enxergou, pelas pálpebras fechadas, o seu passado diante de si. Desde quando se percebeu uma menina em um orfanato, onde nenhuma criança recebia tratamento adequado, nem comida suficiente, nem educação. Passou pelo período em que começou a trabalhar na casa de um marquês e uma das criadas a deixava assistir, escondido, as aulas das filhas menores do nobre. Foi quando decidiu que iria mudar sua vida e não seria uma prostituta nem uma criada que limpava latrinas – e descobriu que não bastava querer para conseguir.

Envolveu-se com homens errados, foi arruinada e resgatada pelo irmão, que não sabia existir e cuja notoriedade a assustou. A partir daí, tudo que ela pedisse se tornava realidade, mas Eleanor nunca se deu ao luxo de pedir por amor. Ela aceitava uma vida tranquila, com bens suficientes para sobreviver, educação para Harry e um teto sobre suas cabeças. Desejar um casamento, um homem que a amasse e a respeitasse, ao menos uma vez, era pedir demais.

Ela abriu os olhos e se virou. Thomas estava ali, sentado, retirando os sapatos. A camisa aberta revelava parte de seu corpo musculoso e ela prendeu o ar, pensando no que aconteceria entre eles logo em seguida – era algo que ela queria, muito. A forma como ele a encarou indicou que recompensaria toda a espera. Curiosamente, ela jurava que quem estava sofrendo pela espera era o seu novo marido, mas ele parecia disposto a mostrar a ela que sua ansiedade logo se transformaria em prazer.

— Você não imagina como esperei por isso. — Thomas aproximou-se como um leão rondando a presa. Se ela nunca pensara em pedir por um homem que a amasse, talvez estivesse prestes a conhecer um homem que a desejasse. — Permita-me, minha esposa.

Ele segurou o laço do roupão dela e o desfez. Sua expressão era de deleite e puro desejo, enquanto ela se regozijou ao ouvi-lo a chamar de

esposa. E seu marido respirou fundo, exalando uma grande quantidade de ar antes de tomar a sua boca possessivamente.



ELA ERA LINDA, a sua mulher. Por algum tempo, Thomas acreditou que nunca encontraria alguém que ocupasse o espaço que ficou vazio em seu coração, mas suspeitava que Eleanor pudesse ser aquela pessoa. Ao menos ele a desejava como não se lembrava de desejar alguém na vida, e aquilo certamente o conduziria a algo mais.

Depois de esperar – e ele esperou bastante, a vontade de a tomar para si o dominou e ele a beijou, arrancando o roupão bonito que ela estava usando com demasiado cuidado. Eleanor amoleceu em seus braços e Thomas a deitou na cama, ainda meio vestido, para que ela não caísse. Também estava nervoso e não queria parecer fraco se não conseguisse segurá-la.

— Thomas, faz algum tempo que nenhum homem...

— *Shhh*. — Ele tocou-a nos lábios com o polegar, interrompendo-a.

— Vamos fazer isso devagar, não se preocupe. Se não quiser fazer nada hoje, podemos...

— Não. — Ela ergueu o tronco e terminou de lhe retirar a camisa. O toque de Eleanor ardia como fogo em sua pele nua. — Você, *nós* já esperamos demais. Eu o quero, anseio, na verdade.

Então ele faria questão de satisfazê-la em seus anseios. Ergueu-se e retirou apressadamente as calças, descartando-as emboladas ao lado da cama e voltou para beijar Eleanor. Ela o recebeu retribuindo o beijo e se contorcendo debaixo dele, demonstrando que estava pronta para o que ele pretendia dar. Os lábios desceram pelo queixo, pelo pescoço, a língua traçou uma linha úmida até os seios despidos que despontavam, até capturar um entre os dentes.

Eleanor gemeu, indicando que ele deveria continuar. Daquela vez, eles teriam prazer juntos e haveria uma boa dose de esforço de sua parte – mordiscando, sugando e lambendo aquela pele lisa e bela até chegar à parte em que ela pulsava esperando por ele. Thomas passeou os dedos pela feminilidade, enroscando-os nos cachos ruivos, e introduziu um deles na abertura de Eleanor.

— Você está pronta para mim.

— Então não me faça esperar mais.

Com mãos que não pertenciam a um cavalheiro, mas a um fazendeiro, Thomas acariciou a esposa, segurando suas coxas e abrindo-as, para encaixar-se entre elas e conduzir sua ereção até a abertura úmida. Com uma calma que ele desconhecia ter, introduziu-se lentamente, penetrando Eleanor centímetro por centímetro enquanto ela cravava os dedos em suas costas e fechava os olhos em completo abandono.

Dali para o êxtase não precisou muito tempo. Talvez ele devesse se envergonhar, mas teria uma noite inteira ao lado dela e muitas outras noites, por isso não precisava segurar as sensações que os arrebatavam. Eleanor também não parecia apta a resistir às suas investidas, que ficaram mais rápidas e intensas. Quando Thomas levou o polegar até o centro de prazer dela, circulando-o para aumentar a sensibilidade, ela convulsionou em um orgasmo lento e ruidoso. Quem diria que sua esposa ronronava durante o prazer?

Ele se entregou ao próprio clímax em seguida, deitando o corpo sobre o dela enquanto a exaustão imediata da intimidade máxima entre um homem e uma mulher. Rolou para o lado e a abraçou, fazendo com que recostasse a cabeça em seu peito. Sua respiração estava ofegante e seu coração batia rápido demais – certamente devido ao esforço físico, mas ele podia jurar que outros motivos o impulsionavam.

A noite foi intermitente. Eles acordaram e dormiram, amaram-se e reconheceram-se, aproveitando que o enlace que os uniu foi como os dos plebeus – rápido, mas justificado pelos sentimentos e não pelos interesses financeiros. Talvez, e Thomas pensava que apenas talvez, aquela fosse uma vantagem de ter poucas posses e lutar diariamente por sobrevivência. Suas ações não eram limitadas pelo dinheiro.

Quando o sol estava para nascer no horizonte, iluminando a pequena baía de Thanet e direcionando seus raios para dentro do quarto que ocupavam, ele despertou para ver Eleanor novamente olhando pela janela, em seu roupão de seda. Por pura sorte ele não o arruinara.

— Gosto de vê-lo nascer. — Ela respondeu a uma pergunta não feita. — Você acha que estamos ganhando mais um dia para viver ou menos um dia de vida, a cada nascer do sol?

Thomas levantou-se e a abraçou por trás. Lembrou-se que, em

poucas horas, teria que retornar à vida real – porque não havia lua de mel para meros plebeus como eles, não importava que nobre estivesse intervindo por eles.

— Sempre é *mais um dia*, minha querida. E agora será mais um dia com você.

